

A arte de contar histórias: jornalismo humanizado na revista Piauí¹

Kéliana BRAGHINI²

Angelica LÜERSEN³

Universidade Comunitária da Região de hapecó, Chapecó, SC

RESUMO

O trabalho em questão tem como objeto de estudo a revista de circulação nacional **Piauí**. Será apresentada uma análise⁴ feita sobre a matéria "Os invisíveis", publicada na edição 83 da revista que foi para as bancas em agosto de 2013. A reportagem ocupa seis páginas centrais da revista e se encontra na seção "Anais da Violência". A proposta é refletir, ao mesmo tempo em que se analisa a reportagem, sobre o exercício do jornalismo e a utilização das técnicas do jornalismo literário para a humanização do relato. Através desta análise foi possível perceber o jornalismo literário como uma alternativa no exercício pleno da profissão, reforçando o compromisso com a sociedade. As técnicas do gênero estimulam e possibilitam o desenvolvimento de narrativas mais humanizadas, que valorizam os personagens do cotidiano e suas histórias de vida.

PALAVRAS CHAVES: Jornalismo literário; piauí; revista; humanização; reportagem.

INTRODUÇÃO

O jornalismo de revista surgiu como uma alternativa para aprofundamento de conteúdos tratados cotidianamente pela mídia de forma menos detalhada e por vezes superficial. Também apresenta-se desde o início como forma de segmentação, destinando-se a públicos específicos, diferente do que existia até então em termos de comunicação. As características das primeiras revistas que se têm notícia, publicadas ainda na década de 1660, eram muito próximas aos livros, mas propunham-se a ser distribuídos periodicamente. Portanto, é notável que a aproximação do veículo revista com a literatura se dá desde seu surgimento, característica que evolui com o passar dos anos e a criação do que se conhece hoje como Jornalismo Literário, ou *New Journalism*.

Embora o termo revista só tenha surgido em 1704, na Inglaterra, conforme Marília Scalzo

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Unochapecó, email: kelliana@unochapeco.edu.br

³ Orientadora do trabalho. Professora dos cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó, email: angelica.luersen@gmail.com.

⁴ A análise de veículos de comunicação foi uma atividade originada na disciplina de Comunicação Comparada, sob a orientação do professor Erico Assis.

(2003, p.20), as primeiras publicações já revelavam o diferencial do gênero em relação aos jornais. O tempo foi passando e com ele chegaram novas e mais avançadas tecnologias, principalmente em relação a qualidade gráfica. Assim, revistas mais parecidas com o que conhecemos hoje passaram a ser desenvolvidas. De acordo com Scalzo (2003) as revistas sempre foram um meio termo entre o jornal e o livro, oferecendo um conteúdo não muito nem tão pouco aprofundado. No decorrer do século XIX foram conquistando maior espaço, atingindo um público que já possuía algum grau de escolaridade, mesmo que apenas a alfabetização, mas que não se interessava tanto e tinha pouco acesso aos livros, material ainda muito restrito à elite na época.

Com o avanço técnico das gráficas, as revistas tornaram-se o meio ideal, reunindo vários assuntos num só lugar e trazendo belas imagens para ilustrá-los. Era uma forma de fazer circular, concentradas e diferentes informações sobre os novos tempos, a nova ciência e as possibilidades que se abriam para uma população que começava a ter acesso ao saber. (SCALZO, 2003, p. 20)

Atualmente há uma considerável quantidade e variedade de revistas existentes. Segundo dados de 2008 do Instituto de Verificação de Circulação, (IVC), cerca de 1 milhão publicações circulam semanalmente no Brasil. Ainda conforme o IVC⁵, entre revistas semanais, mensais e quinzenais, foram aproximadamente 350 milhões de exemplares vendidos em 2010 no país. Além disso, a característica de segmentação de conteúdo, e a delimitação consciente do público, vem ganhando ainda mais força com o passar dos anos.

Dentre tantas publicações já consagradas de alcance nacional no estilo tradicional de revista, surge em outubro de 2006 a *piauí*, com uma proposta original e inusitada. A *piauí*, que se anuncia como “uma revista para quem gosta de ler”, se distingue das demais tanto na apresentação visual e textual quanto nas pautas propostas. Com uma tiragem mensal de 60 mil exemplares, vão as bancas cerca de 90 páginas de extensos textos e chamativas ilustrações.

Para Arbex (2001, p.36), à exceção de poucos jornais e revistas, a imprensa escrita adotou uma série de procedimentos destinados a “competir com a televisão”, textos curtos, parágrafos pequenos, letras em corpos garrafais, fotos coloridas, tudo isso para que o leitor não se sinta cansado e possa ler da maneira mais rápida e cômoda possível. No oposto, se estabelece a *piauí*, com textos

⁵ Disponível em : <http://www.anatec.org.br/ivc.pdf> Acesso em: 22 mar. 2014.

longos, enfatizando os detalhes e a descrição, a notícia por completo sem perder o rumo e dar atenção ao que interessa.

Em entrevista⁶ concedida por email para Juliana Romualdo Nunes, da Universidade de São Paulo (USP), quando questionado sobre a apropriação do estilo do Jornalismo Literário o editor e Idealizador da revista, João Moreira Salles declarou:

“Se alguém me explicasse o que é Jornalismo Literário eu até poderia concordar ou discordar. Se precisar de um rótulo, prefiro falar em jornalismo narrativo, em função do que disse na resposta acima. O termo "literário" me parece besta. Pior, revela um certo complexo, como se o excelente jornalismo não se bastasse. Para ter alguma esperança de perenidade, teria de tomar de empréstimo a aura da literatura. É bobagem”. (SALLES, 2011 *apud* DREIER, 2010 p.158)

Embora o conceito de 'Jornalismo Literário' não seja admitido por Salles, muito se percebe desta técnica nos textos da *piauí*. Com longas e detalhadas narrativas, as reportagens da revista vão de uma a 12 páginas e abusam das informações mais pitorescas e minuciosas do local, situação e personagem em questão. Trechos com detalhada descrição podem ser percebidos claramente na reportagem de Consuelo Dieguez:

Àquela hora, as ruas da Nova Holanda estavam apinhadas de gente. Os bares estavam cheios, as barracas de feira atendiam moradores que compravam frutas e legumes na volta para casa. Lojas, salão de beleza, barbearias, padarias, casas lotéricas, lan houses, tudo estava aberto. Crianças brincavam, mães passeavam com bebês entre ruas estreitas. Nada disso impediu que os policiais fossem recebidos à bala por traficantes armados com fuzis.

Essas características e também a forma como as informações são dispostas, sem os preceitos do *lead* e da pirâmide invertida, fazem com que se assemelhe em alguns momentos ao texto ficcional. Mesmo quando o assunto tende a ser interpretado como sério ou sóbrio, a *piauí* não se restringe a narrar os fatos e se apropria de estratégias como a ironia e o humor para tornar a leitura mais atrativa. Além do mais, apresenta uma das marcas inerentes ao jornalismo literário, a

⁶ Disponível como anexo em: <http://www5.unochapeco.edu.br/pergamum/biblioteca/php/imagens/00006A/00006A3E.pdf> Acesso em: 10 nov. 2013.

durabilidade. Diferente do *hard news*, jornalismo em tempo real, o texto da *piauí* não perde a factualidade nas semanas e meses seguintes a publicação. Como Pena afirma, o jornalismo literário:

[...] Não se preocupa com a novidade, ou seja, com o desejo do leitor em consumir os fatos que aconteceram no espaço de tempo mais imediato possível. A preocupação do jornalismo literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível, o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal. Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração. (PENA, 2006, p. 7)

Algumas das questões apontadas por Pena, são bastante perceptíveis na reportagem analisada. Consuelo Dieguez, retrata em “Os invisíveis”, a violência e o abuso de poder de policiais em uma operação do Bope em uma das favelas do Complexo da Maré, a Nova Holanda, no Rio de Janeiro. A reportagem está localizada nas seis páginas centrais da edição 83, publicada em agosto de 2013, na seção “Anais da Violência”. No decorrer da análise serão observados aspectos como o tratamento dado à informação afim de humanizar a matéria, e mesmo tratando-se de algumas situações chocantes, não ter uma atitude sensacionalista. Também, como a jornalista se posiciona em relação ao assunto, através do recorte escolhido por ela para noticiar o fato tornando-se a voz da comunidade.

Histórico e características da revista

A *piauí* é uma revista mensal de circulação nacional que está no mercado desde 2006. Foi fundada a partir da Videofilmes, empresa dos irmãos documentaristas Walter e João Moreira Salles. Conforme João Moreira Salles declarou em diversas entrevistas, sonhava em ver nas bancas uma “revista diferente”. De fato seu desejo se tornou realidade, pois hoje a *piauí* é uma das únicas no Brasil neste estilo. A revista é impressa em papel especial de alta qualidade, utilizado na produção de livros, que visa tornar a leitura mais confortável. Tem um formato que remete ao de um jornal impresso, no estilo tablóide, de 26,5 cm x 34,8 cm, fora do convencional para revistas, que normalmente tem como padrão o tamanho standard (20,5 cm x 27,5 cm). É bastante colorida e chamativa, valoriza ilustrações e caricaturas mais do que propriamente fotografias, mas quando às utiliza geralmente são bastante expressivas e em grande formato.

Conforme informações disponibilizadas no Mídia Kit de 2013, a publicação tem 60% da

produção feita pela redação, 30% de colaboradores e 10% de matérias compradas fora. A redação é composta atualmente por cerca de 13 pessoas e conta normalmente com o apoio de 12 colaboradores ou mais. A primeira edição da revista foi lançada no dia 9 de outubro de 2006 em São Paulo, 10 de outubro no Rio de Janeiro e no dia 13 no restante das praças do país.

É impressa pela Editora Abril e distribuída pela Dinap, também do Grupo Abril. Está afiliada ao Instituto Verificador de Circulação (IVC) e à Associação Nacional de Editoras de Revistas (ANER), sendo editada pela Editora Alvinegra. Normalmente não tem colunas definidas, as únicas fixas são "Chegada", "Colaboradores", "Esquina", "Quadrinhos" e "Despedida". Outras frequentes são "Diário", "Perfil", "Ficção" e "Poesia". Com uma tiragem de 56 mil e 100 exemplares, coloca em circulação 34.075, destina aos assinantes 22.034, distribui nas bancas 12.041 e encaminha para os assinante através de mailing 3 mil revistas.

Conhecendo superficialmente, a *piauí* pode ser confundida com uma revista de caráter essencialmente cultural. Mas ela vai muito além disso. Embora se dedique a diversos aspectos da cultura brasileira, dá espaço a textos que abordam ciência e tecnologia, isso em meio ao material sobre música, trabalho, política, violência, lazer e arquitetura, entre outros. Uma das principais características da *piauí* é contar histórias em cada uma de suas publicações.

As reportagens ou perfis, independente do tema, são extremamente descritivas, aprofundadas e abusam do humor e ironia. Valoriza conteúdos que parecem corriqueiros ou desinteressantes, mas a narrativa que se assemelha ao ficcional, proporciona um outro olhar ao tema. Isso sem deixar de abordar assuntos de interesse público, procurando trazer um viés diferente, além do contexto histórico do fato. A riqueza dos detalhes, prática bastante aplicada na revista, instiga a leitura, afasta o texto da objetividade e contribui com a humanização das matérias.

[...] O jornalismo, de modo genérico, não pode ser considerado literatura, insiste-se em refletir que o processo de criação da reportagem é muito próximo do processo da criação literária. Ambos lidam essencialmente com a palavra. Enquanto a literatura vai criar *um mundo* fictício, com esse elemento básico da linguagem verbal, a reportagem ideal tenta recriar o *mundo* numa suposta relação de proximidade com a realidade. (GUIRADO, 2004, p.103)

A *piauí* possui um site⁷, vinculado ao portal Estadão desde agosto de 2010, onde são

⁷ Disponível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br> Acesso em: 10 nov. 2013.

disponibilizadas gratuitamente e na íntegra a maioria das reportagens publicadas desde a primeira edição da revista, enquanto outras restritas apenas para assinantes. Também são postados conteúdos exclusivos para internet como vídeos, podcasts e possui também uma seção para cartas dos leitores. Mantém no mesmo endereço nove blogs, cada um com um tema específico de responsabilidade de algum especialista. Alguns atualizados mais frequentemente, outros nem tanto. Também se utiliza do Facebook⁸ com 192 mil likes (até março de 2014) e 72.634 acessos mensais, mais como uma ferramenta de divulgação do que propriamente de interação com os leitores. É bastante ativo e normalmente posta conteúdos do site, blogs e das novas edições, não tem uma produção de conteúdo própria para a mídia social.

Conforme André Luiz do Amaral (2009, p. 48)⁹ a revista *piauí* é frequentemente comparada a outras diversas publicações que marcaram o Brasil em suas respectivas épocas de atividade. Entre elas estão as já extintas, mas historicamente lembradas, *Realidade* e *Pasquim*. Porém a maioria percebe na revista as referências da norte-americana *New Yorker*. João Moreira Salles em entrevista para Marcelo Tavela, veiculada no portal *Comunique-se*¹⁰ em 2007, admite ser leitor da revista e que teve sim inspiração, nela e nas outras para a criação da *piauí*.

Quando a revista saiu, surgiu essa história que a *piauí* era a versão brasileira da *New Yorker*, o que considero um equívoco. Eu sou um leitor da *New Yorker* e tive influência. Cheguei a conversar com editores da revista americana. Mas a *New Yorker* trabalha com uma coisa que é quase uma exclusividade do jornalismo norte-americano e anglo-saxão: o texto longo de não-ficção. Não temos o talento para isso nem a tradição. A *piauí* não tenta ser o *Pasquim*, não tenta ser a *Realidade* e não tenta ser a *Veja*, mas teve influência de todos eles, sem dúvida. A *piauí* é uma revista de hoje, tentando entender o seu tempo. (SALLES, 2007 *apud* AMARAL, 2009, p.47)

O nome da revista sempre foi objeto de muita curiosidade e diversas teorias surgiram em torno disso. Mas a própria revista não se restringe a dar uma explicação lógica para a origem da denominação *piauí*. Em seu mídia kit, disponibilizado no site em 2013 coloca nas seguintes palavras: “a *piauí* não tem resposta para nada. Nem para quem pergunta por que ela se chama *piauí*, porque a esse respeito ainda não chegamos a um consenso (existem pelo menos quatro versões)”. Embora Salles, quem decidiu dar

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/revistapiaui> Acesso em 15 mar. 2013.

⁹ Monografia disponível em: <http://ged.feevale.br/bibvirtual/Monografia/MonografiaAndreAmaral.pdf> Acesso em: 5 nov. 2013.

¹⁰ Disponível em: <http://portal.comunique-se.com.br/> Acesso em 3 nov. 2013.

esse nome a sua criação, tenha fornecido um esclarecimento relativamente convincente e curioso sobre a escolha em um bate-papo no TUCA (Teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), no bairro de Perdizes, em São Paulo, no dia 30 de setembro de 2008.

O nome é inteiramente idiossincrático e não tem a ver com o nome do Estado. Eu não sou do Piauí, não nasci no Piauí, fui uma vez, mas não me lembro da viagem, então não foi uma viagem marcante na minha vida. Eu li uma coisa há muito tempo do Gilberto Freire, que linguisticamente é uma grande bobagem, mas a ideia é muito boa. O Gilberto Freire diz que em países nórdicos e frios, cujos idiomas têm muitas consoantes, as palavras saem duras e cortantes. E nos países tropicais, que têm sol, os idiomas são apinhados de vogais, letras mais gentis que saem carinhosamente pela boca. Por alguma razão, achei que essa ideia era bonita. Piauí é uma palavra cheia de vogal. (SALLES, 2008 *apud* SILVA, 2009, p.5).

Em entrevista¹¹ concedida à jornalista Sylvia Colombo, da Folha de São Paulo online, na época do lançamento da revista, Salles declara que a piauí não teria um posicionamento político específico. Para ele: "O ideal é que os textos sejam interessantes, bem escritos e divertidos. Aí cabem desde o stalinista até o sujeito da propriedade. Ninguém será excluído por sua posição ideológica". Já no artigo "A Revista Piauí na Contramão da Pós-Modernidade"¹² publicado, por Francilene de Oliveira Silva, a autora coloca o posicionamento político-ideológico de piauí como um um ceticismo saudável.

A piauí tem uma descrença nas ideologias e nas grandes narrativas. Não quer falar da violência no Brasil, mas dos pequenos temas. Em uma edição publicamos uma matéria que defende o comunismo e em outra edição trazemos uma matéria com Lily Marinho. A piauí é incompreensível. Nunca vai ter muita adesão, muita paixão. Seus produtores acham que as coisas são mais difíceis, isso torna a revista bem-humorada, mas um humor um pouco ácido. São desesperançados, mas não desesperados (SALLES, 2008, *apud* SILVA, 2009, p.7).

De fato, a afirmação de Salles, de certo modo se confirma, e pode-se perceber pelo contraponto de assuntos que costuma trazer as vezes em uma mesma edição. A piauí não se limita a

¹¹ Disponível em : <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u64970.shtml> Acesso em: 17 nov. 2013.

¹² Disponível em:

http://www2.metodista.br/unesco/1_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOCOM%2029%20-%20A%20Revista%2
Acesso em: 7 nov. 2013.

defender ou atacar o governo, mas trata de política desde que seja algo realmente interessante, curioso. Entretanto, seria ingenuidade afirmar que a revista é imparcial ou neutra, tendo em vista que pauta de forma recorrente a defesa da igualdade social, de gênero, da maior visibilidade e voz as minorias entre outras questões. Neste sentido, demonstra-se preocupada em destacar outros olhares, visões, em geral que não encontram espaço na grande imprensa. Observa-se ainda que a revista está longe de ter um posicionamento conservador, tratando de questões polêmicas com a mesma liberdade textual das pautas tradicionais.

Não existe o “observador neutro”. Testemunhar um evento é também construí-lo segundo o “aparelho psíquico” e a formação social e cultural da testemunha. Seria equivocado, por isso, opor radicalmente, de forma maniqueísta, uma suposta “neutralidade objetiva” daquele que presencia diretamente um acontecimento [...]. (ARBEX, 2001, p.35)

Mesmo que a revista não apresente uma posição ideológica claramente definida os próprios repórteres, a partir de suas bagagens culturais e intelectuais possuem distintas visões de mundo, sendo assim tendem a fazer o recorte da realidade baseados em suas percepções. Neste caso, embora exista (ou se acredita existir) uma busca diária do jornalista pela maior aproximação possível da realidade, ser imparcial é um conceito utópico.

Dados e perfil do leitor da piauí

As assinaturas da piauí tanto no Brasil quanto no exterior são feitas através da Abril Assinaturas. De acordo com o conteúdo apresentado no mídia kit deste ano até abril de 2013, a revista contabilizou 22.375 assinantes. Na renovação, a taxa é de 72%, levando em consideração que este é quinto ano em que são feitas e a porcentagem tende a aumentar conforme o tempo. A própria revista afirma que o perfil do leitor não se define por gênero, idade ou posição social, mas sim pelo nível de escolaridade¹³. “Quanto mais a educação se universalizar no Brasil, mais leitores terá a piauí” (PIAÚÍ, 2013). A publicação tem uma adesão muito maior entre o público acadêmico, principalmente com ensino superior completo, embora reconheça que o estilo diferenciado da revista tem atraído cada vez mais a juventude.

¹³ Quanto a este aspecto, embora a afirmação de que é o nível de escolaridade que define o perfil do público, no parágrafo seguinte apresenta-se dados sobre pesquisa feita pela Marplan EGM revelando outros aspectos que fazem referencia ao perfil do público da piauí.

A mistura incomum de reportagens políticas com histórias em quadrinhos, revelações do mundo econômico com poesia, perfis de esportistas com tolices bem humoradas, trouxe para perto de nós uma faixa de leitores que anda abandonando as revistas: os jovens. Vendemos cerca de duas vezes mais em bancas próximas às grandes universidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Campinas e Recife. (PIAUI, 2013)

Com base nos Estudos Marplan EGM (Estudo Geral de Meios) realizados em 2012, um banco de dados de hábitos e atitudes do consumidor desenvolvido pela Ipsos Brasil, empresa especializada em pesquisa de mercado, a *piauí* divulgou neste ano marcas que identificam o perfil do leitor da revista mais especificamente. Abrange portanto, 54% do público do sexo masculino e 46% feminino. Quanto a faixa etária, identifica-se maior adesão das pessoas que possuem entre 25 e 34 anos, com 30%, e em segundo vem a população com idade superior a 50 anos, com 29%. Já em relação a diferenciação social a classe B detém 60% dos leitores, a classe A 30% e a C apenas 8%. Em relação a escolaridade o leitor da *piauí* é bem definido, são 75% que possuem no mínimo o diploma de graduação.

Em seus sete anos de atuação a revista *piauí* já acumula 12 prêmios. O mais recente foi o Prêmio Antônio Bento – Contribuição na Difusão das Artes Visuais na Mídia realizado através do Prêmio ABCA (Associação Brasileira dos Críticos de Artes) em maio deste ano. Dentre eles também se destaca o Prêmio Esso de Informação Científica, Tecnológica e Ecológica adquirido em 2010 com o trabalho “Artur tem um Problema”, publicado na revista. Também foi considerada no ano passado a 6ª revista mais admirada do Brasil, sendo a 1ª colocada entre as revistas mensais pelo Troiano Consultoria de Marca e Meio & Mensagem. Outra premiação importante foi conquistada pelas jornalistas Daniela Pinheiro, considerada a Melhor Repórter de Mídia Impressa em setembro de 2012 e Consuelo Dieguez, Melhor Repórter de Revista em 2011.

Os invisíveis

O jornalismo de revista iniciou como um contraponto aos jornais e livros, mas já se utilizava de uma linguagem mais aprofundada, inspirada nas narrativas literárias. Esta técnica foi se aperfeiçoando e se modificando com o passar dos anos até o reconhecimento do Jornalismo Literário como uma alternativa para retratar acontecimentos. Os primeiros registros que se tem do gênero aparecem em 1960. No Brasil ganha espaço através de revistas como a a Realidade e o Jornal Pasquim. O fazer jornalístico, que mesmo tendo nascido pela mão de escritores havia se popularizado como a notícia

dada com clareza e objetividade, sem rodeios, se viu então entrelaçando-se com a literatura.

As diversas crises dos anos 60, que deram lugar a formas do *novo jornalismo* não só nos Estados Unidos, como também em toda a América Latina e na Europa, são um excelente exemplo de como a ruptura de fronteiras (também neste âmbito) fecundou a criatividade informativa no âmbito do jornalismo (sobretudo em gêneros como o artigo de opinião, a crônica, a reportagem e a entrevista) de modo que permitiu um importante impulso às formas de escrita literária que adotam a retórica do jornalismo. (CASTRO; GALENO, 2002, p.21)

A fusão entre literatura e jornalismo, embora explorado em outros meios, permaneceu mais forte em veículos de maior periodicidade como as revistas. A *piuí* é um exemplo claro desta utilização, um dos mais representativos do país. Entretanto a questão central deste artigo é que a revista, especialmente a reportagem “Os invisíveis”, se utiliza das técnicas e linguagem literária para apresentar uma forma de fazer jornalismo ainda mais rara nos meios convencionais, a humanização. No texto é possível identificar a descrição de uma situação, que seria facilmente descartada em uma abordagem comum, pois acrescenta pouco em termos de informação. Porém, na linguagem literária, não passa despercebido e se torna mais um elemento que contribui para o relato minucioso e humanizado:

O Bope não deu trégua durante a madrugada. Na rua São Jorge, no Parque Maré, um grupo de policiais entrou atirando. Pararam na frente de um sobrado azul e, aos pontapés, arrombaram a porta. Das casas vizinhas, os moradores podiam ouvir os gritos que vinham dali, mas ninguém ousou chegar às janelas com medo de ser atingido. Aterrorizada, uma mulher vizinha ao sobrado teve uma crise de diarreia e engatinhou até o banheiro. Aos poucos, os gritos se transformaram em gemidos, até silenciarem por completo. (DIEGUEZ, 2013)

Uma das principais características do jornalismo literário destacadas por Pena (2011) é o exercício da cidadania. “Quando escolher um tema, deve pensar em como a sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade” (PENA, 2011, p.14). Humanizar conforme a etimologia da palavra consiste em tornar mais humano, e para fazer isso em uma reportagem, o caminho é além de valorizar os personagens, é entendê-los como pessoas e não apenas fontes. É contar um acontecimento através do fragmento de histórias daqueles que estiveram lá, ou que são importantes para a interpretação do fato. Isso sem economizar nos detalhes, passando ao

leitor não apenas o relato do entrevistado e as informações que ele possui, mas sobretudo quem ele é, onde ele está, por que ele está ou esteve lá.

O fazer jornalístico como processo de significação e resignificação exige observação/percepção, reflexão e expressão de mundo. Por isso, os jornalistas devem ir além do “dar a notícia” para compreender os fenômenos sociais e compartilhar esta compreensão. Assim, o fazer jornalístico supõe a busca da essência das ações humanas contidas nos fenômenos sociais. O jornalismo humanizado, portanto, não se propõe apenas a produzir textos diferenciados, com linguagem que usufrui dos recursos da literatura, que valoriza personagens. Mais que isso, busca a essência das ações humanas – é um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado. (ALVES; SEBRIAN, 2008, p.2)

Na reportagem escolhida para a análise a repórter Consuelo Dieguez traz de forma minuciosa e com um vasto repertório de fontes e detalhes, o abuso de poder, desrespeito e violência de policiais em uma operação do Bope na Favela Nova Holanda no Rio de Janeiro. O caso iniciou com uma manifestação, daquelas que ocorreram de forma recorrente no país nos meses de junho e julho e foram exaustivamente divulgadas pela mídia. Porém acabou com um massacre, onde 10 pessoas foram vítimas fatais, mas sobre isso a imprensa, tanto local quanto nacional, mal publicou. Um grupo de assaltantes que se infiltrou entremeio aos manifestantes, causou pânico e motivou a perseguição dos policiais pela favela Nova Holanda. O Bope foi acionado e recebido à tiros pelos traficantes, o que ocasionou a morte do sargento que comandava a operação, Ednelson Jêronimo dos Santos Silva, e a revolta dos policiais.

Entretanto, não são estes os fatos que dão início à reportagem, como seria no modelo convencional, mas sim dois personagens, Cláudio e sua mulher Nilzete, e a narração do ocorrido com eles naquele dia. A partir daí já se percebe as marcas da humanização, afinal a repórter está lá disposta a contar cada passo do casal até o momento em que a história deles se funde ao acontecimento que motivou a reportagem e eles se tornam parte do fato.

Motorista de uma van que transporta passageiros do Norte Shopping para o Complexo, Cláudio tivera um dia atípico. Por causa de uma manifestação marcada para as cinco da tarde, em Bonsucesso, do outro lado da avenida, o movimento havia caído. Preocupado com que a passeata acabasse em confronto, ele ligou para a mulher e avisou que iria buscá-la à saída do trabalho – uma empresa de ônibus da região, na qual ela é faxineira – às dez da noite. Ao passarem em frente à favela Nova Holanda, ao lado do Parque União, avistaram

um grande tumulto. Pela movimentação de carros, logo perceberam que se tratava de uma ação policial. (DIEGUEZ, 2013)

A repórter descreve momentos de pânico vividos pelo casal no momento em que Cláudio é atingido por um tiro ainda dentro da van, nos faz viajar, imaginar a cena diante dos nossos olhos. A riqueza de detalhes com que Consuelo coloca o acontecido e os personagens, faz com que o leitor se sinta próximo deles e queira saber mais sobre aquela história. São particularidades que dificilmente teriam espaço na mídia massiva, convencional. A forma como Nilzete é descrita é um exemplo de passagem que seria facilmente descartada em um texto convencional, por fugir dos padrões da objetividade, mas que sem dúvida contribui para a humanização da matéria. “Nilzete é uma mulher diminuta. Mede 1,50 metro e tem o corpo franzino. Seus cabelos são negros, cacheados e compridos. De longe, pode ser confundida com uma criança” (DIEGUEZ, 2013). Muitas das observações são feitas a partir de uma concepção que não necessariamente precisa fazer parte da realidade. Neste tipo de produção as situações reais podem ser comparadas a ficcionais ou imaginárias, de forma a facilitar a compreensão.

Quando se constrói um personagem ou uma história de vida, as fronteiras do real e do imaginário se diluem. O método de questionário em uma entrevista com a pré-pauta estabelecida tem resultados previsíveis. Cai por terra a assepsia racionalista na interação humana criadora de um encontro sem cartas marcadas. Também a crença de um rigor profissional que chegue ao retrato objetivo da realidade, em última instância da verdade, só persiste em mentes arrogantes. (MEDINA, 2003, p.99)

A narrativa se fixa nos personagens, principalmente aqueles que presenciaram os atos de violência daquela noite. São 11 pessoas que contam suas histórias ou fazem uma análise sobre o que aconteceu naquele dia, os motivos e consequências das atitudes tomadas pelos policiais. Foram entrevistados o casal Cláudio e Nilzete Rodrigues, o fotógrafo Ubirajara Carvalho, conhecido como Bira, o pedreiro Robson Guimarães, a agente comunitária Carmen Onofre, o torneiro mecânico e pai do traficante Bétinho, morto na operação, Cesar Antônio de Oliveira. Outras fontes citadas são a assistente social Eliana Souza Silva, Henrique Guelber do Núcleo de Defesa dos Direitos Humanos, o coronel Ibis Silva Pereira, contratado para investigar o caso, o sociólogo Luiz Eduardo Soares e o coronel Mário Sérgio Duarte. Destes, apenas os três últimos tem um olhar de fora do fato, podem ser consideradas

fontes mais oficiais, o restante são moradores da favela que estavam lá e sobreviveram aos momentos de tensão e medo.

De certa forma a ação coletiva da grande reportagem ganha sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta da do cotidiano. Descobrir essa trama dos que não têm voz, reconstruir o diário de bordo da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional [...] Contar uma boa história humana, afinal, é o segredo da reportagem. (MEDINA, 1999, *apud* ALVES; SEBRIAN, p.28)

Outra observação que vale destacar é que de todas as fontes ouvidas, apenas uma, o coronel Duarte, considera justificável a atitude do Bope em decorrência do ataque prévio dos traficantes, os demais são totalmente aversos à situação que se criou em torno disso. Em nenhum momento Consuelo emite opinião, se colocando contra ou a favor de nenhuma das partes interessadas, mas a quantidade superior de fontes que expressam um lado da verdade indica que a repórter tem um posicionamento sobre a questão. Dieguez escolheu apoiar as “minorias”, os “mais fracos”, que tem menos poder de voz na mídia e na sociedade. A forma como a repórter faz colocações bastante fortes e negativas, como “operação de guerra”, “noite do terror”, “arrombaram”, “invadiram”, quando trata da operação policial, também são marcas que fortalecem a posição.

De certa forma o fato de Consuelo ter optado pela abordagem, a partir da perspectiva dos moradores da favela, facilitou em partes uma retratação mais humanitária dos personagens, afinal falar dos crimes sem trazer os anseios das vítimas seria apenas mais uma reportagem policial. A repórter traz o público para perto do fato com descrições detalhadas de alguns momentos chaves e por vezes chocantes do acontecimento. Dieguez consegue descrever mortes que ocorreram naquele dia sem expor e ridicularizar as vítimas. Ela não diz simplesmente que determinada pessoa foi atingida e morreu, pelo contrário, ela contextualiza a cena, quem estava presente e em poucas palavras, consegue apresentar ao leitor quem foi aquele cidadão executado a sangue frio. Uma dos trechos na reportagem que explicitam este posicionamento da jornalista é quando narra a cena em um bar, onde um dos garçons foi alvejado à tiros pelos policiais. Neste sentido os personagens da reportagem não são apenas pessoas depoentes, mas também aqueles que fizeram parte desta história, mas não estão mais ali para contar suas versões.

O garçom Eraldo Santos da Silva, um paraibano de 35 anos, que servia as mesas

no bar Paradinha Um, uma construção acanhada com as paredes pintadas de verde e laranja, não teve tempo de se proteger e foi alvejado no rosto. Os clientes, entre eles uma grávida, além de um outro garçom, se jogaram no chão. O blindado prosseguiu atirando até o final da rua. Deu meia-volta e retornou pelo mesmo caminho. Passou duas vezes pelo corpo de Eraldo estendido na porta do bar. Na terceira vez, os policiais pararam o Caveirão. Entraram chutando mesas e xingando os clientes encolhidos num canto da parede. Aos berros, mandaram que todos entrassem no banheiro. Depois, apagaram as luzes. De dentro do banheiro, era possível ouvi-los dizer: “Olha a merda que a gente fez.” Ao ser alvejado, Eraldo usava um cordão e anéis e trazia no bolso uma carteira com documentos e dinheiro. Os policiais enrolaram um pano na sua cabeça e transportaram o corpo para dentro do Caveirão. Recolheram balas na rua (inclusive a que atingiu Eraldo, encontrada no bar) e foram embora. A carteira do garçom foi deixada no chão, sem o dinheiro. (DIEGUEZ, 2013)

Além da extensa quantidade de fontes, ela apresenta detalhes sobre o fato e descrições precisas de locais que compõe o ambiente da favela, e dos personagens que fizeram parte dessa história. A repórter traz ainda uma contextualização histórica sobre a construção do Complexo da Maré. Informações estas, dispostas de forma breve, porém clara e fundamental para a compreensão da totalidade dos fatos.

O Complexo da Maré é formado por dezesseis favelas, onde hoje habitam 140 mil pessoas. As primeiras casas começaram a surgir em 1936, junto com o início das obras de construção da avenida Brasil. A via foi inaugurada em 1946, e os trabalhadores que participaram das obras acabaram se instalando ali definitivamente. Nove das dezesseis comunidades foram estimuladas por políticas de remoção de outras áreas patrocinadas pelo Estado. Uma de suas favelas, a Vila do João, criada em 1982, foi batizada com esse nome em homenagem ao último presidente da ditadura militar, o general João Batista Figueiredo. (DIEGUEZ, 2013)

A jornalista também se preocupa em apresentar dados sobre o índice de violência na polícia do Rio de Janeiro, considerada a mais violenta do mundo, e número de mortes já registrados em confrontos policiais. Isso demonstra o trabalho de pesquisa que envolve produção de uma grande reportagem. São informações que não dizem respeito à aquele fato pontual, mas que tem uma relação direta com o que esta sendo reportado. Além disso, Dieguez traz ainda dados comparativos da violência policial nos EUA, possibilitando uma compreensão ainda mais clara das proporções do histórico brasileiro neste quesito.

Segundo dados coletados por Soares, de 2003 a 2012, houve 9 231 mortes provocadas por ações policiais no Rio de Janeiro. Para um estado com 15 milhões de habitantes e 55 mil policiais, somando-se os efetivos da Militar e da Civil, ocorrem cerca de mil mortes por ano. Nos últimos dois anos, as mortes anuais provocadas pela polícia no Rio de Janeiro caíram para 540, mas é ainda um percentual muito elevado. Nos Estados Unidos, com 300 milhões de habitantes e um histórico de violência policial, as mortes de civis em confronto com a polícia em todo o país não ultrapassam 350 por ano. (DIEGUEZ, 2013)

Outra questão que demonstra o tempo dedicado a construção da matéria é a parte final do texto onde a repórter indica ter voltado a favela Nova Holanda um tempo após os conflitos, para verificar como estava o clima da região, e voltar a conversar com as vítimas, saber como estavam se recuperando dos traumas sofridos. Ou seja, existe uma preocupação evidente com a contextualização do antes, durante e também do pós acontecimento. São elementos que contribuem com o fator de durabilidade da reportagem. O foco da matéria é o fato que ocorreu em um período limitado de tempo, e perderia o interesse com o passar dos dias, mas a forma como a narrativa é construída faz com que lido semanas, ou meses depois o texto mantenha significado e interesse público.

Menos de um mês depois dos conflitos dos dias 24 e 25, a vida na Nova Holanda, no Parque Maré e no Parque União parecia ter voltado ao normal. Nas tardes em que passei por lá, o comércio estava aberto, as ruas fervilhavam de gente, carros, vans, motos e bicicletas congestionavam as vias estreitas [...]. O pedreiro Robson Guimarães, que fora baleado na varanda da casa da mãe, já estava em sua casa, recuperando-se da cirurgia. A casa, um sobrado, estava arrumada com esmero. Toda a obra foi realizada por ele. Deitado na cama, Robson mostrou os curativos. Explicou que não pode fazer o exame de corpo de delito para ver a origem da bala porque ela está alojada na costela. “Os médicos disseram que não têm como tirá-la daí porque corro o risco de ficar paraplégico.” Como ele não paga o INSS, está em casa sem receber salário. Não sabe quando voltará a trabalhar. (DIEGUEZ, 2013)

Esta situação vivida pela jornalista e retratada na reportagem demonstra novamente uma preocupação além do fato. Normalmente os meios de comunicação se interessariam apenas pelo momento do acontecimento, raramente haveria a intenção de saber como ficaram os personagens semanas depois. Mas o jornalismo humanizado apresenta este diferencial, não consiste apenas em

extrair o máximo de informação das pessoas, mas construir uma relação com elas, tentar entendê-las e preocupar-se de fato com ela. Mostrar a devida importância de sua contribuição para com o jornalismo e sobretudo fazer com que isso transpareça na matéria e não fique apenas entre entrevistado e entrevistador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fazer jornalístico apresenta em geral uma padronização que limita as possibilidades do jornalista em noticiar os fatos. Este formato objetivo, desenvolvido como forma de agilizar os processos, acaba por deter o jornalista na produção de um material diferenciado para seus leitores. A falta de tempo e espaço no jornalismo diário, em contraponto a um fluxo cada vez maior de informações, dificulta uma atitude mais humanitária dos jornalistas, que acabam por ocultar a voz da comunidade. De acordo com Medina (2013, p 99) esta “formatação” de fontes e texto nem sempre parte do repórter, mas sobretudo do veículo para o qual trabalha e aqueles que respondem por ele.

Muitos jovens egressos da universidade, idealistas à partida, cedo denotam sintomas de infelicidade com a profissão. Quase sempre quem sente a maior frustração é o repórter, elo da cadeia produtiva que menos poder detém, mas está em contato com o mundo vivo e vivido. Ele percebe demandas na rua, no cotidiano, nos depoimentos do sujeito anônimo que, se não fossem sufocadas ou desqualificadas, dariam outro ritmo aos novos projetos de comunicação social. Mas ao chegar da rua nas redações, esbarra em editores que, em grande parte, não estão disponíveis para “a alma encantadora das ruas”, que João do Rio consagrou. (MEDINA, 2003, p.99)

Quando o meio de comunicação dá margem para uma abordagem diferenciada, como é o caso da *piauí*, fica a cargo do repórter humanizar ou não. Na reportagem analisada, Consuelo Dieguez opta por se diferenciar da cobertura feita pela imprensa massiva, e o faz com excelência. Percebemos que a repórter não se prende ao corriqueiro, busca analisar e interpretar os lados desse fato que no Brasil não é algo incomum. Consuelo traz para perto do público as histórias destes moradores que tentam sobreviver em meio ao caos, essa humanização mostra para as pessoas que esse não é um fato isolado e esta cada vez mais presente na sociedade e perto de nós. “É como se as pessoas precisassem de fragmentos de outras vidas, de outras experiências, para construírem as suas.” (MONTIPÓ; FARAH,

2009, p.4)

Redigir um texto jornalístico é passar uma história. E cada um vai passar a história segundo sua visão. No Brasil o jornalista não se atreve porque os jornais não permitem, então ele não sabe fazer isso, ele não sabe mais escrever. O formalismo é resultado desta deformação profissional. É preciso estar disposto a se “suspantar”. Se entusiasmar com o que o entrevistado diz. Às vezes os repórteres acham o entrevistado uma figura notável, isso e aquilo, mas não colocam no texto. (GOMES PINTO, 1991 *apud* GUIRADO, 2004, p.94)

Embora a decisão de reportar a essência da alma do entrevistado não dependa apenas daquele que apura e escreve, a matéria “Os Invisíveis” demonstra que essa possibilidade existe, ainda que com maior liberdade em veículos alternativos. O texto possibilita a reflexão não apenas sobre o fato ocorrido, mas chama a atenção dos próprios colegas de profissão e também dos acadêmicos em relação ao jornalismo está sendo praticado atualmente. Faz pensar também sobre qual o papel dos profissionais da imprensa na construção de uma sociedade mais crítica e da e valorização do ser humano. Mostra ainda que existe sim a possibilidade de fazer a diferença, e o fato do repórter não deter da palavra final nas redações não o restringe da responsabilidade. Se houver vontade de mudar não há necessidade de se render aos padrões da grande mídia apenas para garantir seu salário no final do mês. “Os jornalistas sérios, comprometidos com a sociedade, tem seu espaço reduzido e buscam alternativas. O Jornalismo Literário é uma delas” (PENA, 2011 p.13).

Sempre haverá espaço para um bom Jornalista com boas ideias. Assim como o *New Journalism*, o trabalho autônomo, ou *freelancer*, como é conhecido na área, é uma das possibilidades de investir em um jornalismo diferenciado e transformador. Os recursos da mídia digital, atualmente, permitem que o jornalista trabalhe por si próprio, sem vínculo empregatício com instituições e empresários interessados apenas na lucratividade e não no serviço que deve ser prestado à população pelo jornalismo. Com a criação de blogs, sites alternativos e independentes, ou até mesmo web reportagens avulsas que podem ser comercializadas, o jornalista pode ter uma fonte de renda interessante, sem precisar se submeter aos constrangimentos institucionais. Embora estas ainda sejam ferramentas pouco exploradas e de lucratividade incerta, são válidas, e se utilizadas com sabedoria podem se tornar um nexo para jornalistas comprometidos com a profissão e com o público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Fabiana Aline; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **Jornalismo Humanizado: O Ser Humano Como Ponto de Partida e de Chegada do Fazer Jornalístico**. Guarapoava: Intercom, 2008.
- ALMEIDA SOUZA, Juliana Lopes de; LIGÓRIO, Claudia Alice de. **Jornalismo literário: O ritual da revista Piauí**. Ponta Grossa: Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, 2012.
- AMARAL, André Luiz do. **A arte de informar: Jornalismo Literário na Revista Piauí**. Novo Hamburgo: Centro Universitário Feevale, 2009. Disponível em: <http://ged.feevale.br/bibvirtual/Monografia/MonografiaAndreAmaral.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2013.
- ARBEX JR, José. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.) **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.
- DIEGUEZ, Consuelo. **“Os Invisíveis”**. *Piauí*, São Paulo, n.83, agosto. 2013. Anais da Violência, p.38.
- Folha Online: Disponível em, <www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u64970.shtml> Acesso em: 17 nov. 2013.
- GUIRADO, Maria Cecilia. **Reportagem: a arte da investigação**. São Paulo: Arte & Ciencia, 2004.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: Narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.
- MONTIPÓ, Criselli; FARAH, Ângela. **Relato humanizado no jornalismo: a importância da humanização na narrativa pra um jornalismo transformador**. In: *Mídia Cidadã 2009 – V Conferência Brasileira de Mídia Cidadã*, 2009. Anais. Guarapuava, 2009. Disponível em: <http://www.unicentro.br/redemc/2009/74%20relato%20montipo%20farah%20OK.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2013.
- PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito**. Rio de Janeiro: Intercom, 2006.

Disponível em: <http://www.felipepena.com/download/jorlit.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2013.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias - Linhas de análise do discurso jornalístico**. Florianópolis: Insular, 2005.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Francilene de Oliveira. **A Revista Piauí na Contramão da Pós-Modernidade**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em:
http://www2.metodista.br/unesco/1_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOCOM%2029%20-%20A%20Revista%20Piau%C3%AD%20na%20contram%C3%A3o%20da%20p%C3%B3s-moder-nidade%20-%20Francilene%20de%20Oliveira%20Silva-Regiocom.pdf. Acesso em 7 nov. 2013.

Site Oficial da Revista Piauí: Disponível em, <revistapiaui.estadao.com.br/> Acesso em 10 nov. 2013.

DREIER, Fernanda Karini. **Características do Jornalismo Literário nos Perfis de Figuras Políticas Brasileiras Publicados pela Revista Piauí**. Chapecó: Universidade Comunitária da Região de Chapecó, 2010. Disponível em :
<http://www5.unochapeco.edu.br/pergamum/biblioteca/php/imagens/00006A/00006A3E.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2013.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

Portal Comunique-se. Disponível em, <<http://portal.comunique-se.com.br/>> Acesso em: 3 nov. 2013.